

## OS LIBERTÁRIOS E OS CAMINHOS DA EMANCIPAÇÃO FEMININA\*

Lygia Pracchia\*\*

Esse artigo é baseado na dissertação que apresentei à Comissão Julgadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História. Representa uma tentativa de recuperar a questão feminina sob a ótica libertária, refletindo sobre os caminhos de emancipação da mulher.

Para isso, acompanho a experiência dos libertários que atuaram no eixo São Paulo/Rio de Janeiro, desde o começo do século até os anos 30. Procuo observar, no bojo da experiência libertária, com vêem a situação da mulher na sociedade “burgo-clerical”, qual realidade pretendem construir quanto a isso, quais meios utilizam para tentar chegar às suas finalidades e qual papel propõem para si, na luta pela mulher. Tentando resgatar essa experiência, observo a amplitude e os limites, da proposta literária com relação à mulher.

Para esse resgate, utilizo a imprensa libertária, por ser um dos principais meios de arregimentação do movimento, propagando suas idéias, organizando a militância, propondo formas de ação, etc. Entre os periódicos que utilizo, os mais importantes são *A Terra-livre*, *A Lanterna* e *A Vida*.

O primeiro traz a figura feminina na dimensão da mulher trabalhadora, seus problemas e aspirações, abrindo-se às livres manifestações e ao debate. *A Lanterna*, traz a questão feminina, como uma luta pela educação de mulher e pela sua libertação da influência clerical. Esse aspecto é retomado pelo periódico *A Vida*, quando aparece a idéia de que a sociedade “burgo-católica” rege-se por normas que levam ao desperdício da energia feminina quando atrela a mulher às explicações teológicas do mundo, ao invés de facilitar-lhe o acesso a uma educação racional e científica.

\* Parte da dissertação de mestrado defendida sob o título *Os libertários e os caminhos da emancipação feminina SP-RJ – 1900/1930*, sob a orientação da Dr<sup>a</sup> Yara Aun Khoury. Departamento de História da PUC-SP, 1992.

\*\* Mestre pela PUC-SP.

Outra fonte que utilizo são os contos, as poesias e os textos teatrais libertários. Esses são instrumentos difusores das suas idéias, deixando transparecer o universo libertário e nele, a questão da mulher. Permitem a percepção de valores morais e éticos que caracterizam os papéis femininos, trazendo perfis considerados ideais, valorizando ou criticando práticas e comportamentos característicos do universo da mulher.

### *A mulher no imaginário libertário*

Em seu imaginário, a figura feminina transita entre dois pólos: a exploração e a miséria a que é submetida na sociedade e a esperança da utopia libertária, entre os dogmas religiosos e as explicações científicas da vida.

Essa descrição da mulher, é quase sempre produzida pelo militante masculino. Ele a mostra como uma vítima frágil, que tende a ser esmagada por uma vida de trabalho sem fim. Coloca que a figura feminina sofre dominação tanto do ponto de vista físico quanto moral. Físico porque consideram seu organismo fraco e não preparado para os esforços do trabalho fabril, que a levará à doença e à morte, em troca de um salário injusto. Moral, porque para os libertários, a fábrica se apresenta como um loval diabólico, onde ela está sob a constante ameaça da sedução, por parte dos exploradores (patrões, gerentes, etc.).

Outro ponto da questão feminina discutida pelo libertários é o casamento, que nos moldes burgueses é caracterizado como um acordo de interesses econômicos. Colocam que ele escraviza a figura feminina, pois geralmente ela tem que se ligar a alguém que mal conhece para atender aos interesses dos pais.

No conto “A Fábrica”, de Felipe Gil<sup>1</sup>, essa idéia vem à tona. A história trata de uma operária perseguida pelo gerente da fábrica. Quando ela conta o fato aos pais, querendo não voltar ao local de trabalho, estes não concordam, enxergando o caso como uma possibilidade de casamento lucrativo. Mas ela é seduzida, abandonada e ainda perde o emprego, ficando na miséria<sup>2</sup>.

Percebo aí, duas questões. A primeira é que Felipe Gil coloca a cumplicidade familiar com relação a um casamento que atenderia a interesses econômicos: a operária é forçada a voltar a fábrica, pois os pais pensam que um possível casamento com o gerente trará vantagens para a família.

1. Prado, Antonio Arnoni & Hardman, Francisco Foot. *Contos Anarquistas*, p.120.

2. Idem.

Em segundo lugar, o autor demonstra que a figura feminina, abandonada na fábrica, à mercê do seu sedutor, é incapaz de se defender física e moralmente e acaba na miséria, incapaz de reverter sua situação.

Em contraposição aos casamentos feitos por conveniência econômicas e sociais, os libertários propõem o amor-livre. Esse é, a meu ver, uma tomada de posição, por parte dos libertários, frente à opressão que é submetida a mulher na sociedade “burgo-católica”:

Nós, partidários da livre-união, baseada no amor-livre, isto é, sincero, voluntário, liberto da escravidão econômica, das imposições das autoridades políticas e familiares. Nós queremos que a mulher, como o homem seja, não o objeto possuído, mas o ser livre e consciente.<sup>3</sup>

E mais:

O amor-livre não significa a apropriação comum da mulher mas quer dizer a liberdade ilimitada para a mulher como para o homem, de amar quem quiser, subtrair-se à tirania dos pais, que querem impor um marido do gosto deles, para amar livremente o objeto dos seus sonhos.<sup>4</sup>

Ao invés de casamentos de conveniência, propõem que cada um possa escolher livremente o seu companheiro, sem interferência de terceiros. Mas a família, nos moldes tradicionais, não é nem uma única vez questionada, e os papéis que cabem ao homem e à mulher dentro dela também não o são.

Os padrões familiares seguidos pelos libertários reafirmam a supremacia masculina sobre a mulher. O modelo de família é idêntico ao da família burguesa, onde o homem é o chefe, o provedor, o protetor e os demais devem segui-lo e apoiá-lo. A figura feminina é secundária, apagada e fraca.

O casamento só difere da instituição “nos moldes burgueses” porque não se faz um contrato em cartório, mas é respeitada a monogamia e não aparecem casos significativos de separações e novas uniões. O amor-livre, colocado pelos libertários, se traduz pela liberdade de escolher o companheiro com o qual se formará a família acima descrita, não se pretendendo mexer na moral sexual, por nenhuma vez.

3. *A Terra -livre*, 21.4.1914.

4. *Idem*.

O imaginário libertário aponta que o principal papel feminino é o de mãe e dona-de-casa. Ela é mostrada como pobre e espoliada em todos os sentidos, que vive através dos filhos e do marido.

José Oiticica, militante na imprensa libertária desde 1912, afirma que a mulher sendo mais fraca sob o ponto de vista da resistência física, é duplamente explorada, pois faz o mesmo serviço que o homem em troca de um salário menor. Sua preocupação principal com esse fato é, segundo suas próprias palavras: “tudo isso estende-se em estragos irreparáveis às gerações futuras, porque a hereditariedade não perdoa”<sup>5</sup>. Percebe-se, segundo seu ponto de vista que a exploração da mulher deve ser contida com base no argumento de que ela é reprodutora, e se for explorada, reproduzirá seres fracos.

O trabalho feminino fora de casa é visto pois, como uma ameaça pois ela fica impedida de realizar sua função de mãe e dona-de-casa.

Em resposta a esses problemas inerentes à questão feminina, o que os libertários propõem, é a doutrina anarquista, para modificar a sociedade e a situação da mulher. Crêem que através desses princípios a mulher poderá constatar a sua exploração e lutar pela construção de um novo modo de vida. Acreditam que a partir da conscientização de que são, tanto quanto os homens, assalariadas e exploradas, vão se juntar à luta pela sociedade ácrata, juntamente com a luta pela condição feminina.

Nos textos libertários a questão aparece desse modo: a salvação da mulher é a construção do anarquismo, pois ela, “ser frágil e explorado” tomando contato com as idéias libertárias, ao lutar por uma sociedade mais justa, estará lutando por sua própria emancipação.

Essa tentativa de educar a mulher dentro dos princípios libertários como solução dos seus problemas, liga-se à figura do militante masculino. O homem é colocado em posição superior à da mulher e tem o dever de ajudá-la a resolver os problemas que ela não consegue isoladamente.

O militante masculino libertário atribui-se como uma missão a educação da mulher dentro dos princípios anarquistas, e ele, mais bem preparado, ser ativo, consciente e forte é quem deve ensiná-la, tomá-la sob sua responsabilidade, por conseguinte, atribuindo-se também o direito de liderança e de decisão sobre ela. O homem demonstra considerar-se um tutor, um guardião responsável pelo elemento feminino.

5. *A Vida*, 1.11.1914.

Os textos teatrais libertários também trazem essa característica: cabe ao homem guiar e proteger a mulher. Em “Responsabilità”<sup>6</sup>, “Pecado de Simonia”<sup>7</sup>, “A Bandeira Proletária”<sup>8</sup>, “La via d’uscita”<sup>9</sup>, e “Primo Maggio”<sup>10</sup>, sempre o militante masculino é que salva a figura feminina levando-a pelo caminho da doutrina anarquista.

O seu discurso assemelha-se, nesse ponto, ao discurso dominante, ligando a figura feminina à irracionalidade, à incapacidade de agir e de se organizar sem a presença tutelar masculina. Esses textos expressam uma visão paternalista de subordinação da mulher com relação ao homem, que se traduz não apenas no espaço de trabalho, mas também no interior da família, entre casais e entre mães e filhos. O homem, pai, marido e líder, deve ser respeitado e obedecido pela mulher, ser frágil e incapaz de assumir a direção tanto de sua individualidade, quanto da sua vivência dentro de um grupo social oprimido.

O libertário, apesar da sua proposta de igualdade, hierarquiza as posições de homens e mulheres na luta social, infatilizando as últimas em favor da autoridade masculina. Percebo esses sujeitos, propondo a resistência cotidiana na família, na Igreja, na escola, no trabalho e, ao mesmo tempo atrelados a uma visão a qual cabe ao homem guiar, educar e conscientizar a mulher, rumo à sociedade anárquica. Na sua utopia da construção de uma nova sociedade, feita pela ação direta de indivíduos livres, o papel atribuído à mulher apresenta limites e acrescenta nuances a essa visão de liberdade individual, pois sua figura aparece na dependência da figura masculina.

No interior do próprio movimento, porém, ouvem-se vozes que divergem dessa visão dos militantes com relação à mulher. Giovanni Rossi fundador da Colônia Cecília escreve nos “Quaderni della Libertá”:

Ou os homens acharão mais conveniente renunciar à mulher como uma coisa apropriável, ou as mulheres deverão se preparar para travar elas mesmas a última batalha para integrar toda a humanidade numa só e livre associação.<sup>11</sup>

6. Grave, Jean. *Responsabilità*. Peça Teatral, Mântua, Tip. della Università Popolare, Editada em 1905.
7. Neno Vasco. *Pecado de Simonia*. Peça teatral em um ato, SP, Cooperativa Gráfica Popular, 1920.
8. Spagnolo, Marino. *A Bandeira Proletária*. Cópia datilografada pertencente ao Grupo de Teatro Social, s/d.
9. Starkoff, Vera. *La via d’uscita*. Mantova, Tip. della Università Popolare, 1905.
10. Gori, Pietro. *Primo Maggio*. Milão, Tip. Editrice Virgilio, 1906.
11. *Quaderni Della Libertá*, s/d.

O autodemstrar possui a percepção de que se a anarquia tem que ser uma construção de todos, feita a partir de cada indivíduo, de sua vida, seus problemas e lutas, deverá se realizar pela prática de homens e mulheres, e não pelo homem assumindo a luta da "sua mulher".

O olhar libertário sobre a realidade é, portanto, mediado pela valorização da doutrina anarquista, que acaba por relegar a segundo plano a força da experiência cotidiana na organização dos sujeitos, na luta pela sobrevivência. Esse ponto coloca-se como algo que faz repensar os matizes da doutrina libertária no que diz respeito à igualdade dos seres humanos.

Se considerarmos uma íntima articulação entre relações de poder, podemos indagar sobre os limites da visão de liberdade e de auto-gestão dos libertários, sobretudo quando observamos também a alta valorização que fazem do saber instituído, da ciência enquanto campo do conhecimento das leis da natureza, e o empenho que fazem na apropriação desse saber.

### *A proposta de luta anticlerical*

A luta anticlerical desses libertários traduz a relação que estabelecem a emancipação feminina e o combate à influência da Igreja Católica na vida cotidiana.

O combate a essa influência articula-se, a meu ver, à valorização que dão ao saber instituído e à educação formal e informal na transformação da sociedade. Educar-se, para eles, significa apropriar-se dos conceitos elaborados das leis da natureza e da sociedade. É nesse sentido que podemos compreender a luta anticlerical dos libertários como uma das nuances da luta pela emancipação de homens e mulheres. Em seu imaginário, a Igreja com seu dogmas e concepções teológicas age como uma barreira ao uso da razão e dos métodos científicos, impedindo a libertação dos sujeitos, com a sua adesão à doutrina libertária.

A Igreja, na época, é uma força efetiva na sociedade. Ela alcança através das pregações, do confessionário e da educação, a maioria das pessoas, tornando-as, segundo os libertários, fracas e passivas. A Igreja se apresenta como uma força que atrasa a marcha para o anarquismo.

A mulher é a mais suscetível à influência clerical para os libertários. Ela é uma figura frágil e por isso o clero consegue controlar sua consciência, tornando-a dócil, resignada, impedindo sua libertação, ao mesmo tempo sustentado a estrutura social vigente.

Em todos os veículos de propagação das idéias libertárias, o clero é apresentado como extremamente prejudicial à adesão da mulher ao anarquismo, como a grande força conservadora que a mantém presa a uma verdadeira teia de superstições, impedindo o seu acesso à educação e à ciência e justificando sua subjugação e exploração fortificando cada vez mais os preconceitos que a remetem aos papéis de esposa e mãe abnegada e pronta a se sacrificar pelos seus. Em “Pecado de Simonia”, de Neno Vasco (anteriormente citada), o padre é mostrado como uma má influência sobre a família de Rosa e Eva, no sentido em que mantém a primeira sob seu total controle, tornando-a cada vez mais pobre e ignorante. Significativamente ele tenta impedir o namoro de Eva com Ciro, que é libertário.

Fazem uma ligação entre o anticlericalismo e a necessidade de educação da mulher quando reafirmam a necessidade dela utilizar a razão para perceber que a Igreja obstaculiza a sua emancipação quando estimula a subserviência e a passividade, impedindo-a de se educar com base na ciência. O que pretendem é um despertar da consciência crítica feminina, que vai fazê-la enxergar a realidade com novos olhos, isto é, libertar-se da influência religiosa e lutar por um mundo melhor.

A mulher aparece nas fontes libertárias como a maior ponte de ligação entre o clero e as famílias, pois são elas quem mais freqüentam as Igrejas. Ela acaba sendo pensada, nesse sentido, como veículo dessa força de retrocesso que é a Igreja dentre os seus. É ela, a mulher frágil, ignorante, emotiva, quem vai ser mais tentada a procurar os padres, aceitando seus conselhos, levando-os para casa e “corrompendo” a família libertária. A própria militante Elvira Boni confirma esse ponto quando em seu depoimento afirma que “as mulheres não se conformam com a falta de religião e vão contar tudo ao padre”.<sup>12</sup>

Nos textos teatrais a ligação entre a mulher e a Igreja aparece significativamente. Por exemplo em “Triste Carnevale”<sup>13</sup>, uma família está em situação de completa miséria. A mãe chora e reza, pedindo a Deus solução do problema. O marido, em certo ponto, manda a esposa parar de rezar porque “se Deus fosse verdadeiramente misericordioso, se ele existisse verdadeiramente...”. O homem é visto como racional, revoltado contra a miséria, e a personagem feminina como emocional, ligada à Igreja e às concepções que demonstram inconsciência e passividade.

Percebo que a construção dos caminhos libertários forja-se numa contraposição à Igreja, tendo na educação, a força que a alimenta. Para os libertários a educação

12. Gomes, Angela de Castro (coord.). *Velhos Militantes*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1988.

13. *Triste Carnevale*. Peça Teatral em um ato, Mantova, Tip. della Università Popolare, 1905.

é bela, reveladora, capaz de transformação e progresso, como encontro no poema de Castro Fonseca:

- E tu bela mulher, rosada, alegre e pura  
que ostentas no semblante a seiva das carolas,  
Quem és tu? Donde vens pujante criatura?
- Eu sou a educação e velho das escolas!<sup>14</sup>

Para os libertários duas forças cruzam-se na realidade feminina: de um lado a Igreja, a força conservadora que coloca a mulher na secular ignorância, impedindo o seu acesso à educação e à ciência, pontuando o universo feminino de superstições, pregando a resignação e conformação. De outro lado está a educação, capaz de despertar a sua consciência crítica, apresentando-lhes um universo científico e racional, que a leva ao questionamento, sendo uma força de transformação de sua condição.

### *A educação*

A educação é colocada como ponto de partida para a superação de preconceitos e para emancipação de todos os seres, dentro dos princípios libertários. Crêem que uma mulher educada não vai ser considerada inferior e vai poder lutar pela construção de uma nova sociedade e pela sua emancipação.

A mulher não educada é considerada presa fácil da exploração capitalista. A escola é um meio de lhe conferir a sabedoria de reconhecer os males da sociedade e de lutar contra eles. Isabel Cerrutti, em *A Plebe*, considera que ter acesso à educação é uma forma de crescimento da sua consciência, pois acredita que através dessa, a mulher compreenderá melhor “o papel que deve desempenhar como fator histórico para a sua inteira integralização na vida social”.<sup>15</sup>

A mobilização feminina em torno do ensino, atesta a ligação feita entre a questão feminina e a educação. Em *A Lanterna*, um comunicado da Sociedade Feminina de Educação Moderna convida para um programa em que constam recitações, cantos e conferências, executados quase integralmente por mulheres. Esse tipo de festa é que vai promover e auxiliar no sustento das Escolas Modernas, fundadas pelos libertários.

14. *A Guerra Social*, 13.3.1912.

15. *A Plebe*, 20.11.1920.



Soledade Villa Franca, a companheira de Francisco Ferrer, o catalão idealizador do ensino racional, comenta a importância da educação feminina. Ela escreve:

todos os pensadores livres reconhecem que a mãe é a principal educadora da criança. Observa-se ao aluno que a mulher considerada inferior ao homem, privada geralmente de instrução e reduzida à sistemática ignorância não ensina a seus filhos mais do que os erros tradicionais que constituem seu repertório intelectual. Na Escola Racional, juntamente à criança que a respeita e a trata com delicadeza infantil e materna, a menina, a futura mãe, a principal educadora dos seus filhos, livra-se do erro, aprende a verdade.<sup>16</sup>

Ao que parece, o argumento mais importante para que o elemento feminino tenha acesso à educação racional é que, livrando-se da ignorância e dos “erros tradicionais” ela poderá, como mãe, melhor educar seus filhos.

Encontramos também:

Basta considerar a educação do filho, para medir o alcance da educação intelectual da mulher. Criar um filho, educar um filho, é um problema que exige uma instrução variada. Toda mãe deveria ser uma pedagoga. Ninguém deveria ser mais enciclopédico do que a mãe de família e portanto do que a mulher. Uma sociedade bem constituída seria aquela em que todas as mulheres pudessem ser amplamente instruídas.<sup>17</sup>

Mais uma vez, percebe-se a preocupação dos libertários com a educação das gerações futuras, da qual a mulher, na figura da mãe, é a principal atuante. Essa idéia em nada se opõe ao estereótipo que serve à sociedade “burgo-clerical”, que remete o elemento feminino aos papéis de mãe e dona-de-casa.

E mais, a própria Soledade Villa Franca coloca que o elemento feminino deve se educar para desempenhar “funções sociais importantes, não inferiores às do homem”, que são as de mãe e esposa. Escreve igualmente que “a mulher vale tanto quantos filhos tenha”<sup>18</sup>, limitando o discurso baseado na igualdade, que é a fala libertária, na qual ela mesma se enquadra.

Se o homem vale por si e a mulher por seus filhos, qual sua importância como sujeito, qual sua função na luta libertária? Seria apenas a de gerar e criar filhos para a luta? A mulher, para a Soledade Villa Franca, parece que deveria se anular como

16. *A Lanterna*, 13.10.1911.

17. *A Vida*, 31.12.1914.

18. *A Lanterna*, 13.10.1911.

pessoa, para obter a realização através do marido e filhos. E as que não têm marido e nem filhos, qual o seu papel na luta?

Ao que parece, a educação feminina, segundo esses autores tem duas finalidades bem específicas: a mulher que recebe educação tem melhores condições de educar seus filhos e pode conviver melhor com o marido, não o obrigando a ser “no seio da família, diferente do que é entre os amigos”<sup>19</sup>, isto é, permitido a ele que converse muito mais com uma mulher instruída, que acompanha suas explicações racionais do mundo, do que uma mulher apegada às superstições e explicações metafísicas propaladas pelo clero.

Devo ressaltar, que segundo minha visão, esses limites impostos pelos libertários à luta da mulher e por ela, não invalidam a própria luta, apenas moldam seus contornos e suas nuances.

Ao longo das primeiras décadas do século XX, observamos mulheres consolidando novos espaços políticos, atuando nas atividades libertárias, participando de manifestações anticlericais, da luta pela educação racional, etc... Elas colaboram na construção da luta e da identidade dos grupos libertários e, é através dessas lutas cotidianas que, homens e mulheres, tomam consciência da sua presença na cena histórica.

19. *Idem.*